

FEMINISMO: A BUSCA POR UMA VARIANTE AFRICANA

Sotunsa Mobolanle Ebinoluwa

Tradução para uso didático de EBUNOLUWA, Sotunsa Mobolanle. Feminism: The Quest for an African Variant. **The Journal of Pan African Studies**, vol.3, n.1, 2009, p. 227-234, por Luana Cristina Muñoz Roriz.

Resumo: A exigência de uma teoria global do gênero feminino gerou um debate contínuo. O feminismo, devido às suas insuficiências, deu origem ao *mulberismo* [*womanism*], uma variante afroamericana. O *mulberismo*, por sua vez, pretende interpretar globalmente as experiências das mulheres negras. Embora algumas mulheres africanas tenham se identificado com o *mulberismo*, este artigo examina até que ponto o *mulberismo* delinea as experiências, visões de mundo e percepção das mulheres africanas autóctones. Além de explorar as várias posições de escritoras eruditas africanas, este artigo descreve alguns princípios para uma posição verdadeiramente autóctone de uma mulher *mulberista* africana.

A origem do discurso de gênero

O feminismo tem sua origem na luta dos direitos das mulheres e iniciou-se no final do século XVIII. O crescimento do feminismo começou na Europa e Estados Unidos, quando as mulheres tomaram consciência de sua opressão e adotaram medidas para combatê-la. Na atualidade, o feminismo tem se estendido pelo mundo todo, embora que em muitos países seja classificado com diferentes rótulos. As ideias feministas agora já formam parte do pensamento cotidiano e, historicamente, é um movimento internacional de diversas e variadas culturas definidas e descritas por muitas pessoas de diversas maneiras. Por isso, é difícil ter uma definição precisa e universal do termo. Reconhecendo as implicações de uma definição ampla, as seguintes definições esclarecem um conceito de feminismo. Segundo Barrow e Millburn (1990: 128), o feminismo é "um movimento compromissado em alcançar a igualdade para as mulheres". Já Cuddon (1991:338), define o termo como "uma tentativa de descrever e interpretar (ou reinterpretar) as experiências das mulheres tal como se mostra nos variados tipos de literatura", e sociologicamente, Maggie Humm (1992:1) diz que "a palavra feminismo pode significar uma crença da igualdade sexual juntamente com o compromisso de transformar a sociedade".

Ruth Sheila (1980:4) ressalta, corretamente, que as feministas não estão de acordo entre elas no que se refere a uma definição abrangente e universalmente aceitável da palavra e, por tanto, afirma que o significado de feminismo depende da perspectiva política ou sociológica, seus objetivos, a idealização ou interpretação da "mulher" e alguns outros fatores. O feminismo

ênfatiza que pode ser "um ponto de vista, uma vis3o de mundo, uma teoria pol3tica ou uma esp3cie de ativismo".

Na forma corrente, o termo feminismo tem sua origem na palavra latina "femina", que descreve os problemas das mulheres. Portanto, a partir das definições anteriores, qualquer significado de feminismo, para diferentes pessoas, gira em torno, principalmente, da experi3ncia feminina. O feminismo est3 preocupado com as mulheres, n3o apenas como uma categoria biol3gica, mas tamb3m como categoria social, e, portanto, as feministas compartilham da opini3o de que a opress3o das mulheres est3 ligada 3 sua sexualidade. Isto se d3 pelo fato de que as diferenças biol3gicas entre mulheres e homens se refletem na organizaç3o da sociedade. E, com base nessas diferenças, as mulheres s3o tratadas como inferiores aos homens. Seja como teoria, como movimento social ou pol3tico, o feminismo se concentra especificamente nas experi3ncias das mulheres e ressalta as distintas formas de opress3o que o g3nero feminino est3 sujeito na sociedade.

Dado que as feministas possuem a opini3o de que a dominaç3o masculina se encontra em praticamente todos os aspectos importantes da vida, esta dominaç3o 3 vista como a fonte das desigualdades e injustiças sociais que afetam a vida das mulheres. As feministas, portanto, tratam de eliminar todas as barreiras que s3o contr3rias a igualdade de oportunidades sociais, pol3ticas e econ3micas para as mulheres e se op3em 3 ideia de que o valor da mulher 3 determinado principalmente por seu g3nero e que s3o inerentemente inferiores, submissas ou menos inteligentes que os homens. Sendo assim, os estudos feministas se dirigem a "desconstruir" o paradigma masculino predominante e a "construir" uma perspectiva feminina, que coloca em primeiro lugar a experi3ncia feminina.

Mulherismo, a variante afroamericana

Embora o feminismo tenha afirmado que seu objetivo era a emancipaç3o de todas as mulheres da opress3o sexista, f3lhou em considerar as peculiaridades das mulheres negras e dos homens negros. Na pr3tica, o feminismo se concentrou nas necessidades das mulheres brancas de classe m3dia da Gr3-Bretanha e dos Estados Unidos, fazendo-se passar por um movimento de emancipaç3o da mulher, globalmente. Patricia Collins (1990:7) afirma:

Apesar de que as intelectuais negras tenham expressado, desde muito tempo, uma consci3ncia feminista 3nica sobre a intersecç3o de raça e classe na estruturaç3o de g3nero, historicamente n3o temos sido participantes plenas das organizaç3es feministas brancas.

bell hooks (1998:1,844) também acusa o feminismo de excluir negras de participarem plenamente do movimento. É por isso que critica *A mística feminina*, de Betty Friedan (1963), porque embora se coloque como a abertura do caminho para o movimento feminista contemporâneo, está escrito como se as mulheres negras/de classe baixa não existissem. Na opinião de hooks, o racismo está presente nas escritas das feministas brancas e como resultado, a vinculação feminina é difícil diante de diferenças étnicas e raciais.

Portanto, as deficiências do feminismo, como praticado pelas mulheres brancas de classe média, e a necessidade de desenvolver uma teoria ou uma ideologia que atenda especificamente às necessidades das mulheres negras conduziram mais tarde à elaboração de outra vertente do feminismo chamado *Mulherismo*, um termo dado por Alice Walker em sua coleção de ensaios intitulada *In Search Of Our Mothers Gardens: Womanist Prose* (1983). Em um contexto geral, o mulherismo estabelece uma estética para a experiência literária feminina negra. Alice Walker (1983: xi-xii) define uma mulherista como:

Uma feminista negra ou uma feminista de cor... Uma mulher que ama as outras mulheres, sexual e/ou não sexualmente. Aprecia e prefere a cultura das mulheres, a flexibilidade emocional das mulheres (o valor das lágrimas como contrapeso natural do riso) e a força das mulheres. Às vezes, ama os homens individualmente, sexual e/ou não sexualmente, comprometida com a sobrevivência e a integridade de todo o povo, de seus homens e mulheres. Não é separatista, exceto periodicamente na saúde. Tradicionalmente universalista... Ama a música. Ama dança. Ama a lua. Ama o espírito. Ama a luta. Ama o povo. Ama a si mesma. Independentemente, uma mulherista está para o feminismo como o roxo está para a lavanda.

Alternativamente, segundo Júlia Hare, citada por Hudson-Weems (1998:1, 812): "As mulheres que se autodenominam feministas negras necessitam de outra palavra para descrever suas preocupações". Assim, Weems afirma, de modo semelhante, que as mulheres de descendência africana que abraçam o feminismo fazem isso devido à ausência de uma estrutura existente adequada para suas necessidades individuais como mulheres africanas. Portanto, sugere e define o mulherismo africana (Weems 1994:24) como:

Uma ideologia criada e projetada para todas as mulheres de descendência africana. Está baseada na cultura africana e, portanto, necessariamente foca nas experiências únicas, as lutas, as necessidades e os desejos das mulheres africanas. Refere-se de maneira crítica à dinâmica do conflito entre o feminismo hegemônico, o movimento feminista negro, o movimento feminista africano e o mulherismo africana.

Sobretudo, o mulherismo como uma teoria alternativa é diferenciado por seu enfoque sobre a experiência feminina negra detalhando as questões raciais, classismo e sexismo como um aviso de cautela de bell hooks (1998: 1,845) que insiste:

O racismo está infestado na escrita de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e a negando a possibilidade de que as mulheres se unam politicamente para além de fronteiras étnicas e raciais. Para as escritoras mulheristas, a opressão racial e de classe são inseparáveis da opressão sexista. Muitas escritoras mulheristas descrevem as opressões racial e de classe como tendo precedência sobre a opressão sexista. Isto se deve ao fato das mulheristas acreditarem que a emancipação das mulheres negras não pode ser alcançada sem a emancipação da raça inteira. As mulheristas, portanto, acreditam na parceria com seus homens. Esta característica distingue o mulherismo do feminismo, que é principalmente uma ideologia separatista.

Sendo assim, o mulherismo se difere do feminismo, porque reconhece a tripla opressão das mulheres negras em que a opressão racial, sexista e de classe é identificada e combatidas pelas mulheristas, em contraposição a preocupação principal do feminismo pela opressão sexista. Assim, o mulherismo evidencia que as necessidades das mulheres negras diferem das mulheres brancas e ao reconhecer e aceitar a participação masculina na luta pela emancipação, de novo difere do feminismo em sua metodologia de acabar com a opressão feminina. Sem dúvidas, o mulherismo é enraizado na cultura negra, que contempla em seu discurso a centralidade da família, a comunidade e a maternidade, como ideologia se estende além das fronteiras afro americanas ao ser aceita por muitas mulheres em e da África e outras partes do mundo.

Mulherismo: a busca da diversidade africana

O termo mulherismo também é utilizado por Chikwenye Okonjo Ogunyemi (1985: 24) para descrever a experiência das mulheres africanas. Contudo, sua concepção de mulherismo africana pode diferir ligeiramente do mulherismo apresentado por Alice Walker, ainda que haja muitos pontos em comum.

Em primeiro lugar, defendendo o mulherismo, de acordo com a perspectiva afro americana, o mulherismo se trata de uma ideologia global que define a experiência dos negros na diáspora e dos que vivem na África. Porém, o termo “negro” é elástico, já que alguns críticos têm aplicado o termo para se referirem a todas as pessoas que não possuem ascendência branca. Assim, o uso do mulherismo como uma ideologia que representa todas as experiências das mulheres negras (e as não brancas) é injustificado, já que está sendo utilizado pelos críticos de hoje, que se baseiam principalmente nas experiências das mulheres afroamericanas, incluindo as

mulheres da/na África e as mulheres de cor. Embora seja indiscutível o quanto o mulherismo é muito importante para a situação das mulheres negras em todo o mundo.

Em segundo lugar, levando em conta a história da discriminação e a opressão nos Estados Unidos, o discurso racial mulherista das estadunidenses se converteram em um tema mais importante na articulação da ideologia e da teoria (se poderia ser esperado o mesmo na África do Sul, devido à sua história política similar), em contraste com minha opinião de que as mulheres na África priorizavam as questões econômicas juntamente com as questões sexistas para construir uma teoria autóctone desde a pobreza e as duras condições econômicas que afetam, de maneira significativa, suas experiências.

Em terceiro lugar, alguns aspectos do feminismo negro via mulherismo incorporam o lesbianismo, o que sugere que o lesbianismo é uma opção aceitável e viável para as mulheres para quem ponham fim a sua opressão. Assim, escritoras conhecidas afroamericanas abordam o lesbianismo em suas obras (Alice Walker projeta o lesbianismo como uma arma de união feminina). No entanto, na África, o lesbianismo não ganhou muito espaço devido a, sobretudo, a estrutura heterossexual do matrimônio e a família sejam fundamentais para a experiência feminina africana. Por isso, de acordo com Mary Kolawole (1997: 15) "para a maioria das africanas comuns, o lesbianismo é um tema inexistente, porque é um modo de auto-expressão que é totalmente estranho a sua visão de mundo". E como Joseph Adeleke (1996: 34) se sentiu tentado a perguntar: o lesbianismo não é um movimento de aniquilação da heterossexualidade não é uma mudança em direção do que as mulheres negras diziam rejeitar como sendo uma cultura pró-branco e, de algum modo, aberração para os negros? Pode-se considerar o matrimônio e a vida familiar tendo uma importância fundamental, considerando este novo fenômeno?

Estes desafios colocam a posição mulherista, no contexto da experiência feminina africana, em questão, que requer a busca pela das teorias existentes com a finalidade de adaptar as peculiaridades aparentes, ou evolução de um novo conjunto de teorias que atendam à mulher africana em África.

A esse respeito, podemos procurar tentativas de construir uma teoria que seja autoctonamente africana nos discursos de gênero, enraizadas nas experiências particulares das mulheres africanas na África, como se sugeriu através do madretismo apresentado por C.O. Acholonlu, e o *Stivanism* apresentado por Molará Ogundipe-Leslie. Primeiramente, em seu livro *Motherism* (1995), Acholonu formula o conceito como uma alternativa africana ao feminismo, focando na importância da maternidade na experiência feminina africana. Por sua parte, Molará

Ogundipe-Leslie (1994:1) propõe o *Stiwanismo*¹ que ela define como transformação social que inclua as mulheres da África, e afirma:

Queria ressaltar que o que queremos em África é a transformação social. Não se trata de guerrear com os homens, a inversão de papéis ou das mulheres fazerem aos homens o que elas pensam o que os homens fizeram durante séculos; mas sim de tentar construir uma sociedade harmoniosa. A transformação da sociedade africana é responsabilidade de homens e mulheres e também é de seu interesse. A nova palavra descreve o que preocupou as mulheres e que eu gostaria de ver em África. A própria palavra "feminismo" parece ser uma espécie de trapo vermelho para o touro dos homens africanos. Alguns dizem que a palavra é hegemônica por natureza ou ao menos implicitamente. Outros consideram o foco nas mulheres em si, de algum modo, ameaçador... Os que estão realmente preocupados com a melhoria na vida das mulheres, às vezes, se sentem embaraçados ao serem descritos como "feministas", exceto quando tenham um caráter particularmente forte.

Estas abordagens são, na realidade, um princípio de definição e formulação de uma teoria autóctone de gênero africana, embora nem o *stiwanism* nem o madretismo tenham obtido tanta aceitação e popularidade como uma teoria de gênero autóctone africana. Portanto, é uma necessidade crítica para escritoras e críticas africanas desenvolver e/ou sintetizar uma teoria autóctone africana com o fim de situar corretamente e localizar as peculiaridades de sua experiência no discurso de gênero. E se as mulheres africanas não conseguissem desenvolver uma teoria apropriada, baseada no propósito de colocar em primeiro plano um discurso de gênero genuinamente africano, a implicação seria classificá-las, de acordo com Mary Evans (1983: 225) como "galinhas sem cabeça", portanto uma prática sem teoria, que galinha sem cabeça correndo em círculos sem sentido, antes de, finalmente, colapsar na morte.

Conclusão

Nosso estudo revela que o feminismo fracassou em sua ambição global de atender às necessidades das mulheres de todo o mundo. O feminismo como prática aborda as necessidades das mulheres brancas de classe média. Devido a inadequações do feminismo, as mulheres afroamericanas desenvolveram o conceito de mulherismo para satisfazer as necessidades da mulher negra nos Estados Unidos. Depois, revelamos que, embora o mulherismo pretendesse atender às necessidades de todas as mulheres negras, o mulherismo afro-americano é geralmente inadequado para as preocupações específicas das mulheres africanas em África. Isso nos leva à busca de uma variante africana da teoria feminista, ao passo que, embora tenha havido várias tentativas de satisfazer esta necessidade, não se tenha alcançado nenhum consenso, e desde o

¹ Acrônimo em inglês de *STIWA* - Social Transformations Including Women of Africa (N. da T.).

feminismo, o mulherismo, o *stivanism* ao madretismo, há que se ter, ainda, uma peculiar teoria autóctone comumente aceita para as africanas em África. Como um resultado, propomos que se desenvolva um conceito autóctone africano sintetize as propostas existentes.

Por conseguinte, uma teoria autóctone africana sobre gênero deve incluir uma abordagem dialógica ou acomodacionista, uma apreciação saudável das culturas africanas, o reconhecimento da heterogeneidade destas, estratégias realista e robustas, despidas de agressividade desnecessária, e a centralidade da família, do matrimônio e da maternidade como experiências positivas para as africanas, com base de que podemos diversificar a teoria feminista para atender as necessidades específicas das africanas, em que o discurso de gênero será salvo de se tornar algo irrelevante, estático, rígido e dogmático e, assim, esperançosamente contribuir para resolver os numerosos problemas das mulheres africanas em África.

Referências

- Acholonu, C. O. *Motherism: An Afro-Centric Alternative to Feminism*. Owerri: Afa Publications, 1995.
- Adeleke, Joseph A. "Feminism, Black Feminism and the Dialectics of Womanism" in Adebayo Aduke (ed). *Feminism and Black Women's Creative Writing: Theory, Practice, Criticism*. Ibadan: AMD Publishers, 1996. (21.36).
- Barrow, Robin and Geoffery Milburn. *A Critical Dictionary of Education Concepts*. 2nd edition. New York: Harvester Wheatsheaf, 1990.
- Collins, Patricia Hills. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*. New York: Routledge, 1991.
- Cuddon, J.A. *A Dictionary of Literary Terms and Literary Theory* 3rd edition. Oxford: Blackwell, 1991.
- Evans, Mary. 'In Praise of Theory: A Case For Women's Studies' in *Theories of Women Studies* (eds) Bowles Gloria and Duelli-Klien R. London: Routeledge, 1983. (219-228)
- Friedan, Betty. *The Feminine Mystique*. London: Pengium Books, 1963.
- Holy Bible*: New King James Version: Thomas Nelson Publishers Nashville: 1 cor. 6:9.
- hooks, bell. 'Black Feminism: Historical Perspective' in *Call and Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition*. Liggings Hills et al. (eds). Boston: Hughton Miffling Company 1998.
- Hudson-Weems, Clenora. *Africana Womanist: Reclaiming Ourselves*, 2nd rev. ed. Troy: Bedford: 1994
- _____. 'Africana Womanism' in *Call and Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition*. Liggings Hills et al. (eds). Boston: Hughton Miffling Company, 1998.
- Humm, Magie (ed). *Feminisms: A Reader*. New York: Harvester Wheatsheaf, 1992.
- Kolawole, Mary E.M. *Womanism and African Consciousness*. New Jersey: African World Press, 1997.

McKay, Nellie Y. 'Acknowledging The Differences: Can Women Find Unity Through Diversity?' in *Theorizing Black Feminism: The Visionary Pragmatism of Black Women*. (eds) Ogundipe–Leslie, Molar. *Recreating Ourselves*. Trenton: Africa World Press, 1994.

Ogunyemi, C.O. 'Womanism: The Dynamics of the Contemporary Black Female Novel in English'. *Signs*, 11, 1 (Autumn 1985) (63-80)

Ojo-Ade, Femi. *Being Black and Being Human: More Essays on Black Culture*. Ile-Ife: Obafemi Awolowo University Press, 1986

Sheila, Ruth. *Issues in Feminism: A First Course in Women Studies*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1980.

Walker, Alice. *In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose*. San Diego: Harcourt Brace Janovich, 1983.